

SILVA FREIRE

— Na rede noturna  
o oleiro amassa o monólogo  
organiza o repetir-se  
/santo rajado de barro/enredado...

CADERNO

8

DE CULTURA  
(POEMA)

**os oleiros**

— aos trabalhadores do barro  
— ao clube de engenharia

cuiabá/santarém/1973

— o oleiro

escreve  $\frac{VI}{VE}$   
(a/e) cri/a/tiv/idade  
da casa que amacia

— o ombro

o lombo  
o escombro da cacunda  
/reparte o passo no espaço/  
repassa de sol  
a queimação do tijolo

— o forno/fogão

adelgaça  
a alça  
da fôrma  
na graça  
da forma

— o fogo-fátuo

arregaça  
a graça  
da forma  
na arca  
da fôrma

— a prensa

preme  
a epiderme  
do salário  
na prece  
que o oleiro tece

— nem remorre

o oleiro  
no remoer  
o desmonte

— na torre final  
/redente de forno/  
moe-se a freqüentação  
do homem  
consumido de faina

— o sol acende seu facho

no pelo  
do macho  
no esterno  
de gancho

— na sobra da entrega

o oleiro empina  
o que retine seu instrumento

— o olh/o/l/eiro  
do \_\_\_\_\_

modela o ritmo que prega  
no jeito da pedra

— a pedrada

pedra de dor  
a cara de pedro  
parceiro  
pedreiro

— no faro do barro  
na liga que trinca  
trisca o massabarro  
emassando seu cantaro(lar)

— o sensível ético da forma  
se inscreve no tato  
na planta  
na terra  
se fabricando

— de alerta  
o oleiro enxerta  
o que enruga o sonho da casa

— no mileiro  
massifica-se o recibo

— na secagem  
o inclusivo  
(fora/dentro)  
reanima a fibra animal do artesão

— em mestre pedro  
e a pedra perdida de tempo  
a era  
o érebo  
ariá  
na área  
de areia

— na mente  
o plano  
o palmo  
a palha  
na alma  
pano  
pão  
e sabão  
na face  
a palma  
o salmo  
o santeiro  
no sono  
solidônia  
e solidão

— o aprendiz  
prediz  
o calo  
na matriz  
que salga  
e saliva

— panifica o paladar de barro

— na enchente o oleiro alisa o segredo  
do degredo aritmético do barro

— na vazante o barreiro arregança o prepúcio  
arreganha a dentadura rachada de sobrevida

— o oleiro é seminal  
no tema do problema  
no emblema que o destino inventa

— nas plantas dos pés o oleiro incorpora  
a espacialidade  
e o linossigno  
/rítmo gráfico do barro/

- no barreiro  
a panela sustenta seu destino  
de forma consentida
- no parto que o barro dorme  
um chiar de queimaduras
- chove no barreiro:  
a olaria acha-se  
enche-se  
água-se de ave
- o oleiro argamassa a solidão  
despojada de saibro
- no velho barreiro  
a esterqueira anima  
o vazio reprodutível
- pássaros  
esparsos  
meditam de lodo  
a carnação do barro
- a lama  
que arrodeia o projeto  
climatiza a construção
- herdeiro  
do oleiro  
se alfabetiza de moldes  
no contado  
do contrato  
no trato  
do prazo
- ah/ o intuir a maceração  
do ante-cultural  
no conflito de materiais
- ah/ o romper-se o barro  
/unidade gestual barroca/  
no seguimento  
do segmento
- o oleiro dorme as variantes contextuais  
do canto  
espanto  
acalanto
- o oleiro se inaugura  
no impacto da percepção
- vivamente parceiro  
o oleiro  
lê  
na parede compulsória  
o domicílio da sensibilidade
- das mãos do oleiro  
emergem a fenda-horizonte  
a escultura do imediato

— na visão/ timbre de barro  
de barro/ bochecha da noite  
à noite/ plantação de mãos  
na olaria

o oleiro sai  
ausenta-se das mãos...  
— angústias suplementares  
mastigam seus calcanhares

— no sulco/uso da face  
redondo rio  
floreia a flora mineral  
que alimenta o barreiro

— no saldo  
do sal(ário)  
o sol(dador)  
solda o usufruto do corpoleiro

— o barreiro recomeça  
na ligadura do sal  
na queimadura do sol  
na promissória do saldo  
na soldadura do chão

— improcurado  
o oleiro  
possue o barro  
no esbarro do flagrante

— na estratégia digital  
o oleiro  
processa o instantâneo da liga

— no ato  
do exato  
leitura do tato  
ou  
visão do um-a-um  
onde o múltiplo se afunda

— à boca do forno  
o oleiro sorri  
o-de-fora-do-por-dentro  
anunciando seu ímpeto

— na testagem do corpo/  
quadriculado de alturas  
o oleiro  
requeima o comportamento

— no estalo da lenha  
o forno queima de vida  
a morte que se desvia

— alta noite:  
navega no forno  
um cinzado de matas maduras

— trinca o reboco:  
a mornidão respira a requeima

— à tarde o oleiro  
aplaina a faina  
e regressa ao encontro do nome

— na linha do chão  
/bambo-corpo-bambo/  
o oleiro é lombo de livro  
ou gume ao vivo  
no toldo da tenda

— há um dormir de sábado  
na pastagem lunar da olaria

— vento oestino campeia o cio  
no macio bernal do barreiro

— teto de telha de barro:  
vestígio de desvestir  
— goteiras paridas espiam  
a mastigação do amor

— o oleiro carangueja  
seu consumo  
no sumo  
do resumo

— o oleiro é/ entra/  
adentra/ está/  
se cobre de transparência  
no molde que teia a telha

-- o oleiro atesta:  
a não-pertinência da argila  
o não-estranhamento da pertinência  
a não-necessidade do enunciado

— o oleiro repete o inédito  
no móvel estético que discursa a matriz

— o oleiro transpira o fechado  
na fôrma da forma  
no forno da fome  
no fogo

— o esteta redimensiona seu tato  
na estrutura primária da vivência/ ola... ria!

— no galpão o oleiro  
*pilha* a circuiticidade

— na rota da atividade  
na roda da idade  
na rede da vida  
o oleiro *tati*  
é rotatividade do barro

— no natal  
o oleiro alimenta o santo  
musifica a matéria muda

# poesia humana, criativa e didática

SILVA FREIRE é sobretudo um poeta que está sabendo interpretar de uma maneira precisa e poética a terra e a gente de Mato Grosso. Sua obra que a cada dia que passa adquire formas singulares e num crescendo admirável, já se torna conhecida e aplaudida em centros tradicionais de cultura brasileira. É preciso ressaltar que Silva Freire gradativamente vai passando incólume pelo crivo de consagrados críticos literários, graças exatamente a sua principal virtude que é a de compreender em profundidade as tradições desta terra matogrossense, o seu momento histórico e sua projeção para o futuro, encontrando, e isto não é tarefa fácil, formas de expressão que sintetizam formidavelmente as necessidades sentidas e não sentidas do homem matogrossense.

Silva Freire trabalha incansavelmente seus poemas. Lendo-os tem-se a impressão que sua construção custou longas leituras de história, sociologia, filosofia etc., além da imprescindível sensibilidade para captar aqueles aspectos subjetivos que escapam ao observador leigo.

Seus poemas possuem uma outra virtude: o conteúdo, a mensagem que explicitam, abrange o homem e não uma determinada classe social. O privilégio que Silva Freire teve, de conhecer fenomenologicamente o homem das diversas camadas sociais ou dos diversos setores da sociedade, favoreceu muito a formação do conceito de homem total que possui. Seus poemas estão carregados dessa visão.

Os poemas "Campus de Universidade", "Rondon", "A Estrada", "Rio equilíbrio", "Chão/terra/pasto" ou este último, "Gool/Círculo Azul ao Sul do Azul", são exemplos notórios de sua enorme capacidade de compreensão dos fatos sociais. Em "Campus de Universidade" soube antever e anunciar a dimensão maior da Universidade de Cuiabá, relevando o papel do "campus" onde o universitário, futuro líder da sociedade, encontra-se consigo e com o outro, integrando-se existencialmente. Neste seu último poema, "Gool/Círculo Azul ao Sul do Azul", aborda um tema inexplorado praticamente pelos nossos poetas: as vicissitudes de um jogo de futebol, com os jogadores e a torcida, o locutor, o repórter, o bilheteiro, o juiz, o técnico, cada um vivendo seu drama e sua alegria, mas cada um participando de alguma coisa que lhe pertence significativamente.

A verdade é que Silva Freire vem com seus poemas anunciando o sinal dos tempos, que marca uma nova fase cultural de Mato Grosso, com suas Universidades que vieram para ajudar decisivamente a promoção cultural do homem matogrossense.

Quando a Universidade toma consciência de seu papel e se propõe a enfrentar o desafio, preparando-se humana e tecnicamente para uma missão dessa envergadura, podemos dizer aliviados: é um sinal dos novos tempos que vão surgir.

Provavelmente a contribuição mais importante da poesia de Silva Freire reside nos recursos que emprega para lançar sua mensagem. Sua mensagem não vem pronta para ser consumida. É uma espécie de matéria prima que coloca à disposição do leitor, convidando-o a elaborá-la criativamente. A mensagem é lançada adrede para o leitor decodificá-la; na medida em que o leitor consegue decodificar patenteia-se a relevância do poema — o leitor participa de sua construção — e quando isso ocorre, temos o momento mais importante: o leitor cresce e passa a fazer poesia, poesia de praxis, poesia de hoje. Vejamos, por exemplo, no seu poema "Campus de Universidade", a seguinte mensagem: "no campus sinal e semente / na umidade do solo". Observem que matéria prima o poeta coloca nas mãos do leitor que poderá dar margem a múltiplos dimensionamentos.

É nessa dimensão que precisamos ver e analisar a obra de Silva Freire. Se a aspiração maior da humanidade hoje é fazer do homem sujeito de suas ações, um dos requisitos básicos para a concretização desse ideal é transformá-lo de receptor passivo que tradicionalmente foi, a agente de sua própria existência. Os poemas de Silva Freire oferecem essa oportunidade, indicando inteligentemente o essencial, deixando ao leitor a sublime tarefa de seguir sozinho no processo de construção ativo e infinito.

Outra característica da poesia de Freire que seria bastante oportuno considerar é sua utilização didática, pois seus poemas, sendo criativos, atende um dos mais lúdicos princípios da educação hodierna que consiste em fazer do educando auto-processador de sua educação. Essa nova dimensão, se adequadamente explorada, propiciaria aos professores de literatura excelente oportunidade para eliminar de nossas escolas a passividade e a informação pronta, desrespeitadora mesmo da auto-atividade do indivíduo, que é inata.

Dissemos no início que uma das virtudes de Freire é saber captar a essência desta terra e gente. É preciso dizer contudo que a poesia de Silva Freire não está circunscrita a determinado lugar. Ele parte do regional em busca do universal, parece até que seguindo os conselhos de Julien Benda, que num diálogo com André Gide argumenta que quanto mais regional for o escritor, tanto mais universal será.

## DO MESMO AUTOR

- canção do amor que te quero - poemas - 1º caderno
- rondon: silêncio orgânico de flores - poema - 2º caderno
- meu chão... pássaro implume - poema - 3º caderno
- a estrada/rio equilíbrio - poemas - 4º caderno
- chão/terra/pasto - poema-reportagem - 5º caderno
- campus de universidade/ canto: crespo-olho-alho - poemas - 6º caderno
- gOOOl/ círculO azul aO sul dO azul - poema - 7º caderno
- os oleiros - poema - 8º caderno

## A PUBLICAR

- lições de praia - poema
- cuiabá/cuiabânia/cuiabaninha - poema-reportagem
- camisa velha - poema
- japa e outros contos regionais - prosa
- fronteira de vidro - poema
- poema em pose de pedra - poemas
- rastro - poema
- espaço em branco - poema
- a janela em si - poema
- metapoema do silêncio
- garimpeiro: instrumento de criação de comunidades rurais - estudo sociológico

para correspondência: travessa joão bento, 377 - cuiabá-mt - 78000

o autor agradece a



CONSTRUTORA AFFONSECA S.A.

Rua México, 21 - 8.º andar Tel. 224 9512 231-3061  
Rio de Janeiro - GB